

# ECONOMIA DE COMUNHÃO: ANTECEDENTES, CONCRETIZAÇÃO, DESAFIOS E PERSPECTIVAS<sup>1</sup>

Andreza Daniela Pontes LUCAS<sup>2</sup>  
Cristina B. de Souza ROSSETTO<sup>3</sup>  
Ricardo Meirelles de FARIA<sup>4</sup>

**RESUMO:** Inclusão social e desenvolvimento sustentável são temas que ganham cada vez mais relevo em discussões sobre empreendedorismo na atualidade. A Economia de comunhão (EdC) surgiu como uma proposta de visão e prática econômica que coloca o ser humano no centro, portanto, para ela estes temas são cruciais. Este artigo propõe uma análise da Economia de Comunhão (EdC) a partir de quatro perspectivas. Ele parte de um resgate histórico no qual evidencia o contexto socioeconômico que a precedeu e como este contexto contribuiu para o modo como esta foi delineada. Em seguida, ele versa sobre o desenvolvimento institucional da EdC considerando sua dimensão mundial. Posteriormente são apresentados dois projetos concretos desenvolvidos no Brasil pela EdC, que têm caráter pioneiro no âmbito da EdC internacional. São discutidas as perspectivas e desafios da EdC no Brasil e no mundo e, por fim, são apresentadas as conclusões.

**PALAVRAS-CHAVE:** Economia de Comunhão. Desigualdade social. Empreendedorismo.

---

<sup>1</sup> Agradecemos a Iracema Andréa Arantes da Cruz pelas contribuições e comentários. Todos os erros são nossa responsabilidade.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Pernambuco (UFPE), Recife – PE – Brasil. Professora Adjunta do curso de Ciências Econômicas. Università Cattolica del Sacro Cuore de Milão, Milão – Itália. Doutora pelo Programa de pós-graduação em Economia e Finança da Administração Pública. [andreza.lucas@ufpe.br](mailto:andreza.lucas@ufpe.br)

<sup>3</sup> Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba – PR – Brasil. Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Econômico. [csouza.economia@gmail.com](mailto:csouza.economia@gmail.com)

<sup>4</sup> Fundação Getúlio Vargas (FGV), Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo – SP – Brasil. Professor. Fundação Getúlio Vargas (FGV), Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo – SP – Brasil. Doutor pelo Programa em Pós-graduação em Economia de Empresas. [ricardo.faria@fgv.br](mailto:ricardo.faria@fgv.br)

## Introdução

A fase contemporânea, [...] deixa entrever mecanismos econômicos que buscam valorizar os atores econômicos, a pessoa humana, os valores éticos e a cooperação. Essa busca é somada à urgente necessidade de combater as agressões ecológicas que põem em risco a própria continuidade da vida neste planeta.

[...]

Qualquer esforço no sentido de eficiência, qualidade e produtividade, deve incluir o combate às perversas consequências da globalização econômica assimétrica e a luta pela valorização dos atores econômicos, porque o último fim da ciência econômica é a satisfação das necessidades da pessoa humana. (PINHO, 2011, p.57).

Com o texto acima, a economista Diva Benevides Pinho encerra seu capítulo no Manual de Economia da USP, no qual faz um resgate histórico da evolução da Ciência Econômica. De fato, tem sido notório nas últimas décadas o aparecimento de movimentos econômicos, que põem em questão o modo da economia produzir e/ou distribuir riquezas. Entre estes está a Economia de Comunhão (EdC)<sup>5</sup>. Esses movimentos econômicos, ainda que tenham alcance restrito, são capazes de criar massa crítica e inserir transformações sociais relevantes. Essas transformações podem ser a chave para a solução de problemas, como os processos de exclusão socioeconômica e a degradação das riquezas ambientais.

A Economia de Comunhão envolve pessoas empenhadas a desenvolverem uma prática organizacional e uma cultura voltadas à comunhão, à gratuidade e à reciprocidade (EDC-ONLINE, 2008-2019c). Ela nasceu com o objetivo de colaborar com a redução da pobreza e com a construção da fraternidade (ANPECOM, 2019). Perante esses desafios ela se alicerça em “[...] uma nova cultura onde empresas se tornam o berço de uma cultura de doação (*culture of giving*), que incentiva a fraternidade, laços sociais, sustentabilidade, e comunhão, ao invés do individualismo e do lucro como fim em si mesmo.” (ECONOMY OF COMMUNION, 2018).

A descrição acima mostra sucintamente a extensão (ou ambição) da EdC em seus objetivos – fim da pobreza e mudanças culturais – e, ao mesmo tempo,

<sup>5</sup> No Brasil, pode-se citar a presença da Economia Solidária, Empresas B, Responsabilidade Social Corporativa, redes agroecológicas de produção, e redes de negócios de impacto social em geral.

exemplifica a diversidade de compreensões sobre o que é a EdC, seu escopo e seus pontos fundamentais. Essa amplitude de objetivos e de suas formas de expressão são questões analisadas nesse artigo, cujo objetivo é fazer uma reflexão sobre o desenvolvimento da EdC, desde sua fundação em 1991, evidenciando também os fatores que precederam seu surgimento. Considera-se sua evolução institucional, sua maturação e seus desafios atuais e futuros.

A EdC pode ser estudada ou compreendida através de diferentes *layers*, “camadas” - daquela mais abrangente e filosófica para aquela mais específica e prática e que representa nesta ordem a sequência deste artigo: primeiramente, como um conjunto de princípios, inspirações, “profecias” ou norteadores de um modelo socioeconômico em fase de construção; em seguida como a atuação prática da vida econômica da comunidade do Movimento dos Focolares, onde teve sua origem; e, por fim, como projetos empresariais que, além de seus objetivos tradicionais de obtenção de lucro e sustentabilidade do negócio, colaboram em ações de superação da pobreza e de difusão de práticas e princípios éticos específicos.

Ainda que exista uma produção acadêmica sobre a EdC, que será sucintamente apresentada nesse trabalho, os autores utilizam os conhecimentos adquiridos em experiências vividas em primeira pessoa. Os três autores que colaboraram neste artigo já assumiram posições em algum projeto ou organização da EdC no Brasil e participam dos eventos promovidos pela mesma desde sua fundação<sup>6</sup>.

São quatro as questões que orientam este artigo. A primeira, é tentar compreender como a história de vida da fundadora e o contexto socioeconômico mundiais ajudam a explicar o surgimento da EdC. Essa questão vem sendo aprofundada ao longo do tempo, sob diversas perspectivas, como em Cruz (2014), Pinto e Leitão (2006) e Gonçalves (2005). Como avalia Cruz (2016, p.25), esse “caminho foi constituído por uma inter-relação de fatos ocorridos, inclusive em épocas diferentes, não sequenciais, articulados no momento do surgimento do projeto.”

A segunda questão é sobre como as práticas, aos poucos, consolidaram-se em instituições formais, sendo estas compreendidas como regras, normas ou organizações. A literatura direcionada à EdC estuda, na maioria das vezes, casos específicos de empresas (MENEGASSI; FERNANDES, 2016; LEITÃO;

---

<sup>6</sup> Consideramos como um benefício ao leitor informar sobre o envolvimento dos autores com a EdC no Brasil, pois seria difícil construir a narrativa que se segue sem o conhecimento sobre situações que não foram objetos de pesquisas acadêmicas e, portanto, não estão publicadas – por exemplo, certos momentos decisivos de tomada de decisão. A desvantagem, obviamente, é a dificuldade em distanciar-se do objeto do estudo, que para muitos cientistas é condição indispensável. No entanto, pensamos que dado o tempo transcorrido e os objetivos do trabalho, é possível fazer um certo distanciamento.

SPINELLI, 2008), sendo ainda pouco explorado o arcabouço institucional que sustenta as iniciativas da EdC no mundo.

A terceira questão versa sobre o processo de maturação da experiência ao longo de quase três décadas. A constituição da Associação Nacional por uma Economia de Comunhão (Anpecom) em 2005<sup>7</sup> foi um marco fundamental para que as ações de apoio a pessoas em situação de pobreza e a difusão da cultura da EdC ganhassem maior transparência, continuidade, coordenação e alcance. Portanto, serão apresentados e discutidos especificamente dois projetos desenvolvidos pela Anpecom.

Finalmente, do caminho percorrido pelos protagonistas de EdC nacional e internacionalmente, faz-se uma reflexão sobre os desafios atuais e futuros para o atingimento dos seus objetivos.

### **Chiara Lubich, seu carisma e sua comunidade**

[...], a estrutura do Breve Século XX parece uma espécie de tríptico ou sanduíche histórico. A uma Era de Catástrofe, que se estendeu de 1914 até depois da Segunda Guerra Mundial, seguiram-se cerca de 25 ou trinta anos de extraordinário crescimento econômico e transformação social, anos que provavelmente mudaram de maneira mais profunda a sociedade humana que qualquer outro período como uma espécie de Era de Ouro, e assim ele foi visto quase imediatamente depois que acabou, no início da década de 70. A última parte do século foi uma nova era de decomposição, incerteza e crise – e, com efeito, para grandes áreas do mundo, como a África, a ex-URSS e as partes anteriormente socialistas da Europa, de catástrofe. [...] Contudo, como talvez os historiadores queiram lembrar aos especuladores metafísicos do “Fim da História”, haverá um futuro. A única generalização cem por cento segura sobre a história é aquela que diz que enquanto houver raça humana haverá história. (HOBSBAWN, 1995, p.13).

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo. (BERMAN, 2007, p.11).

---

<sup>7</sup> Mais precisamente, 27/05/2005.

E como os primeiros cristãos que resolveram quase sem perceber, com métodos adequados ao tempo, as suas questões econômicas – “entre eles não havia ninguém necessitado” – porque viviam radicalmente o amor universal e olhavam para o céu novo e para a nova terra que os aguardavam no futuro, assim também nós hoje, se tivermos a coragem de acreditar plenamente em Cristo, de viver com total empenho a sua palavra e de concretizar seu Reino de amor entre os homens, encontraremos os modos e os métodos para que neste século, marcado pela fome, pelas discriminações, pelas diferenças sociais, pelo perigo de catástrofes nucleares, exista o menor número possível de pessoas necessitadas. (LUBICH, 1984, p.25).

A seção se inicia com a citação de dois trechos de dois pensadores de matiz marxista, Eric Hobsbawn e Marshall Bergam. O primeiro autor resume, em certa medida, os desafios da convivência e experiência da vida moderna e Hobsbawn, mais especificamente, as agruras e benesses da montanha-russa que foi o século XX, período temporal de influência na vida de Chiara Lubich e no desenvolvimento de seu movimento católico-ecumênico.

Chiara Lubich, fundadora do Movimento dos Focolares e idealizadora do projeto Economia de Comunhão, é filha de seu tempo e representa a interpretação de matiz cristã para os desafios levantados pelos dois autores de matiz marxista. Nasceu no interregno das duas grandes guerras, no centro do mundo – podendo assim ser definida a região de Trento, no norte da Itália, em 1920. Oriunda de uma família de modestas posses, seu pai, jornalista antifascista, sentia as dificuldades econômicas de fazer oposição a um regime totalitarista. Seu irmão mais velho, também jornalista, com uma expressão política concreta, irá se associar a jornais comunistas no pós-segunda-guerra, atraído pelos ideais socialistas de justiça social.

Há também o contexto da vida religiosa daquele período: uma Itália eminentemente católica, praticante, com diversas ordens religiosas vigorosas, dentre elas, as jovens católicas da qual Chiara Lubich faz parte. Portanto, podemos concluir que a jovem Chiara Lubich está inserida desde a tenra idade em uma profusão de acontecimentos, um turbilhão de eventos, de experiências socioeconômicas, experiências religiosas da adolescência, tudo vivido dentro daquilo que Eric Hobsbawn denominou Era da Catástrofe.

Não menos importante, devemos lembrar que entre as duas guerras existiu a Grande Depressão econômica de 1929, ponto final da hegemonia do liberalismo econômico existente até ali e nascimento das ideias intervencionistas de

John Maynard Keynes. Chiara concluía, portanto, sua infância com a eclosão da Grande Depressão.

Se a entrada na adolescência se deu em meio a Grande Depressão, a entrada na idade adulta se dá com a eclosão da Segunda Grande Guerra. Sonhos desfeitos, amigos e parentes mortos, cidade destruída. Se para o ateu alinhado ao comunismo, a experiência humana pode ser representada pelo “tudo o que é sólido desmancha no ar” do Manifesto Comunista, o paralelo cristão pode ser expresso pelo “*Vanitas Vanitatum et omnia Vanitas*” (tudo é vaidade das vaidades) do livro do Eclesiastes, frase várias vezes citada por Chiara Lubich ao descrever o nascimento do Movimento dos Focolares em meio à guerra. A comunidade dos Focolares nasce em 1943 sem vaidades; tudo estava destruído e, portanto, tudo devia nascer a partir dali: construções, instituições, relacionamentos, etc.

Da antítese dos sentimentos da guerra, nascem os alicerces do pensamento de Chiara Lubich: do ódio e da aversão, o ir em direção ao outro na forma de um “vazio de amor”<sup>8</sup>; da concepção do outro como inferno de Sartre, Chiara propõe o “Outro como Paraíso”<sup>9</sup>; contra o ápice das divisões, o “*ut omnes*” (que todos sejam um) desejado por Cristo. A comunidade dos Focolares sai da Era da Catástrofe, de certa forma, com uma meta: o “*ut omnes*”; uma hipótese; “o Paraíso é o Outro”; uma prática: “se fazer vazio” para se adentrar na dimensão do outro<sup>10</sup>; e uma concepção da dinâmica socioeconômica. Em resposta aos modelos socioeconômicos no pós-guerra, afirmava: “nem comunismo, nem capitalismo” (LUBICH, 1968, p.2), mas a atualização do modelo social preconizado pelo evangelista Lucas com as primeiras comunidades cristãs<sup>11</sup> e de certa forma exortada pela *Rerum Novarum* de Leão XIII em 1891. Estavam dados os pilares da comunidade dos Focolares, oficialmente aprovada pelo Vaticano em 1962<sup>12</sup>, como “Obra de Maria”.

---

<sup>8</sup> Não cabe aqui, o desenvolvimento dos fundamentos do pensamento místico-religioso, fazendo-se a menção importante, que o “vazio por amor” de Chiara Lubich representa a dinâmica de amor trinitário da teologia cristã. Centro Chiara Lubich (2009-2019) disponibiliza o acervo de seus escritos.

<sup>9</sup> É importante salientar que contraposição colocada aqui entre a proposição sartriana e a lubichiana é dos autores. Os autores desconhecem, podendo, entretanto, existir, uma colocação de Chiara Lubich contrapondo-se ao “inferno” de Sartre.

<sup>10</sup> É interessante mencionar a compreensão do atual co-presidente do Movimento dos Focolares, o espanhol Jesús Morán, por ocasião de sua participação em seminário de agosto de 2017, quando diz que cada homem deveria encontrar a forma de habitar este mundo. O “homem chiariano” descobre o modo de habitar este mundo através da experiência de Chiara Lubich que, de certa medida, atualiza a experiência cristã no limiar do terceiro milênio.

<sup>11</sup> Atos dos Apóstolos (At 4,32): “A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava suas as coisas que possuía, mas tudo entre eles era posto em comum.”

<sup>12</sup> Ver Lubich (2007) onde encontra-se também uma síntese de datas e eventos importantes na história do Movimento dos Focolares.

Estão sempre presentes na atuação de Chiara Lubich um cristianismo que, partindo de uma experiência interior, vai ao encontro das pessoas mais próximas e ao mesmo tempo tem um olhar voltado para os grandes problemas da humanidade. Embora muitas vezes suas ações tivessem um nível de alcance pequeno, se pensava globalmente, conforme pode-se perceber em em Lubich (2007, p.7): “o objetivo do nosso Movimento: trabalhar pela unidade e fraternidade entre toda a família humana.” Esse olhar de amplo alcance vem sempre acompanhado da necessidade de um engajamento concreto:

Uma vez, por exemplo, decidimos trabalhar para transformar Trento. Então nós fomos aos distritos mais pobres da cidade para ajudar os mais pobres dentre os pobres. Quando nós víamos o que alguém precisava, nós anotávamos o nome da pessoa e as necessidades, porque nós queríamos ajudar aquela pessoa particularmente. (LUBICH *apud* GALLAGHER, 2003, p.43).

Desde o início, um dos pilares da *ecclesia* focolarina era a comunhão - de experiências, de sofrimentos e de recursos, riquezas e rendas<sup>13</sup>. Visto a partir deste pilar, o “*ut omnes*” significava enxergar a humanidade que a circundava como uma única família e preocupar-se com as dores das pessoas mais próximas, buscando soluções para seus problemas.

Uma observação superficial da atuação de Lubich nos anos de fundação do Movimento dos Focolares pode levar o observador a concluir que o modo como ela atuava e levava seus seguidores a atuar era de caráter assistencialista. Tratava-se de resolver situações emergenciais através de doação de alimentos, vestuário, assistência a enfermos, entre outras. De fato, era um contexto de guerra e pós-guerra e ela estava circundada de situações que exigiam intervenções imediatas. Porém, Lubich sempre enxergou o processo de comunhão com pessoas menos favorecidas economicamente como uma possibilidade de dar-lhes condições de superar a situação de pobreza. Este fato pode ser notado através da indagação a seguir feita por ela bem antes do surgimento da EdC: “Por que não nos despojarmos espontaneamente do que é supérfluo [...] e destiná-los aos que morrem de fome e de frio, até elevar com todas as ajudas possíveis [...], o seu nível social?” (LUBICH, 1984 *apud* CRUZ, 2014, p.36).

Um outro elemento essencial à compreensão do pensamento de Chiara Lubich e do Movimento dos Focolares é o que podemos chamar cultura de

<sup>13</sup> Com este alicerce se desenvolveram também outros alicerces que não são objeto deste artigo: irradiação, espiritualidade, entre outros.

proximidade. Nos fatos por ela narrados percebe-se que as pessoas cujas necessidades ela buscava suprir, eram pessoas que ela havia conhecido pessoalmente. Em alguns casos ela buscava um bem específico para uma necessidade precisa de uma dada pessoa. Um fato bastante conhecido na narrativa do Movimento dos Focolares são os momentos nos quais elas recebiam pessoas pobres para jantar juntos: “Às vezes, pessoas pobres batiam na nossa porta e nós as convidávamos para jantar conosco: alternando, uma pessoa pobre, uma de nós, uma pessoa pobre, uma de nós.” (LUBICH, 2007, p.5).

O desenvolvimento desta comunidade focolarina atravessa a Era de Ouro, se desenvolve, atinge a maior parte dos países do globo, entrando também na nova era de incertezas do pós-70. Chiara Lubich torna-se uma das primeiras líderes carismáticas da era da globalização; seu movimento atinge os cinco continentes, sua comunicação se utiliza dos meios mais desenvolvidos disponíveis coligando diversos pontos da terra em encontros via satélite, muito antes das grandes multinacionais. Comunidades focolarinas existentes no interior da Cortina de Ferro fazem de Chiara e de seu grupo profundos conhecedores do dia-a-dia do regime comunista, conhecimento este superior ao de muitos órgãos de inteligência de países ocidentais.

Como ressaltam Hobsbawn e Berman, o século XX é intrinsecamente complexo, desigual, violento, injusto. Neste sentido, o ideal do “que todos sejam um” e “de terras novas e céus novos”, enfrenta, também na década de 80 e início dos anos 90, vários desafios: a dicotomia do desenvolvimento norte-sul; o colapso do comunismo e o triunfo de um capitalismo não-inclusivo. No interior desta comunidade, que nasce e se desenvolve na segunda metade do século XX, configura-se um relacionamento econômico entre seus membros em âmbito mundial, que irá desembocar no projeto surgido em 1991, no Brasil, conhecido, então, como projeto Economia de Comunhão.

O projeto da Economia de Comunhão como empreendimento prático nasce com a visita de Chiara Lubich a São Paulo, em maio de 1991. Não era a primeira vez que ela visitava o Brasil, porém, desta vez, a impressionou de modo especial o aumento das disparidades econômicas oriundas do sistema vigente. O contexto socioeconômico brasileiro é bem conhecido: pós Plano Collor, grande recessão econômica, processo hiperinflacionário, fome como experiência concreta de boa proporção da população brasileira<sup>14</sup>. Lubich percebe que o mesmo capitalismo que cria riqueza exacerbada para uns, leva outros a não disporem dos meios necessários para uma vida digna.

<sup>14</sup> Vale lembrar que em 1993 surgiu a Campanha Contra a Fome e pela Cidadania liderada pelo sociólogo Herbert de Sousa.



No âmbito internacional, dramáticos e importantes acontecimentos: em novembro de 1989, a queda do Muro de Berlim prenuncia a totalidade do colapso do regime comunista, evento este seguido pelo ufanismo do regime capitalista ocidental. Em maio de 1991, no âmbito da igreja católica, o papa polonês e importante artífice da implosão do regime comunista, Karol Wojtila, lança a Encíclica *Centesimus Annus*, em comemoração ao centenário da *Rerum Novarum* de Leão XIII e um esforço em oferecer um olhar e uma alternativa cristã ao sistema econômico remanescente: o capitalismo ocidental.

Concomitantemente a estes acontecimentos em torno do globo, em sua visita ao Brasil, Chiara Lubich observa que a experiência concreta de comunhão dos bens desde o início presente na comunidade dos Focolares neste momento não está mais sendo capaz de suprir a escassez de renda das pessoas em situação de pobreza presentes na comunidade. Chiara Lubich então intuiu que dentro do sistema vigente seria necessário desencadear um mecanismo que revertesse este ciclo. Não se tratava de defender um ou outro sistema, mas de dentro das estruturas de mercado em vigor, estabelecer mecanismos para sanar os efeitos oriundos de tal sistema:

Apesar de eu não ser uma especialista em problemas econômicos, eu pensei que as pessoas ligadas a nós poderiam criar negócios que pudessem tocar com sua experiência e recursos, para produzir juntos riquezas para o benefício de pessoas em necessidade. (LUBICH, 2007, p.275).

Ao lado da profecia, Chiara sugere “métodos adequados ao tempo” sobre as questões econômicas da sociedade, apresentando como garantia o modelo de convívio das primeiras comunidades cristãs, onde “entre eles não havia ninguém necessitado”. E, por fim, faz uma exortação: seguindo os mandamentos cristãos, as sociedades modernas encontrarão estes modos e métodos para atacar os grandes problemas atuais e, ressalta em seu trecho final do parágrafo, seu realismo social, postulando que tais modos e métodos ajudariam a minimizar o número de necessitados no mundo: “[...] para que neste século [...] exista o menor número possível de pessoas necessitadas.” Sobre isto, Luigino Bruni (2005, p.37-38) afirma:

A EdC não se coloca, portanto, fora dos mercados; ela nasce do fracasso do mercado (o escândalo das favelas brasileiras), critica com decisão e indignação as injustiças que frequentemente o mercado produz e alimenta, mas não propõe uma economia que retorne às estruturas pré-modernas

ou precedentes ao mercado, ou a economias alternativas separadas dos mercados “normais”. Critica as economias incivis injustas de hoje, fazendo ouvir a própria voz, vivendo e difundindo uma cultura diferente, com a esperança de contagiar muitas outras expressões que atuam no mercado de hoje e de renovar, no seu âmago, a economia de mercado, juntamente com muitos outros que procuram fazer o mesmo.

Hoje não é raro encontrar empresas que busquem de algum modo uma atuação em prol das pessoas em situação de vulnerabilidade econômica ou do meio ambiente. Contudo, vale salientar que em 1991 muito pouco se falava sobre responsabilidade social.<sup>15</sup> De fato, para muitas pessoas, dentro e fora do âmbito do Movimento dos Focolares, foi difícil inicialmente compreender a proposta de Chiara Lubich. Quando fala sobre a destinação do lucro da empresa, ela menciona três finalidades: consolidação da empresa, ou seja, garantir a existência de meios para continuar a atuar de modo concreto; formação de homens com uma nova mentalidade, isto é, a busca de impactar em nível cultural global; e ajuda a pessoas em necessidade, inicialmente aquelas do Movimento dos Focolares, ou seja, aqueles que estão mais próximos.

Embora o Movimento dos Focolares tenha crescido, e Chiara Lubich não mais pudesse conhecer todos os seus membros pessoalmente, a cultura da proximidade continuou a ser um elemento central do seu pensamento e ação: “Eu os conheço, pois vi alguns deles em fotografias. Sorridentes, cheios de dignidade [...]. Não lhes falta tudo, mas alguma coisa.” (LUBICH, 2004, p.39).

Para Lubich, tudo parte da relação com o outro, do considerá-lo em um mesmo plano de dignidade e de conjuntamente enfrentar dificuldades e buscar soluções. Portanto, a cultura da proximidade é essencial por levar a entender melhor a necessidade de outro. Sobre isso Bruni (2005, p.35) afirma: “Aqueles que recebem a ajuda da EdC [...] estão no mesmo plano de dignidade. Assim, não impressiona o fato [...] de conhecer alguns empresários que, alguns anos antes, eram contados entre os destinatários da ajuda.”

Deste modo, a EdC surge como uma proposta de dar uma contribuição prática na ampliação da comunhão das comunidades focolarinas ao redor do mundo e ao mesmo tempo oferecer à Igreja, sua contribuição e resposta aos anseios da *Centesimus Annus*, tanto na esfera prática como no desenvolvimento

---

<sup>15</sup> O World Business Council for Sustainable Development (WBCSD), define responsabilidade social empresarial como: “O compromisso da empresa de contribuir ao desenvolvimento econômico sustentável, trabalhando com os empregados, suas famílias, a comunidade local e a sociedade em geral para melhorar sua qualidade de vida.” (DIAS, 2009, p.154).

de um pensamento econômico cristão à luz dos dilemas da chegada do novo milênio. Sendo assim a EdC busca oferecer à sociedade em geral, mais além do âmbito religioso, um modelo e uma prática econômica que resgate o lugar da pessoa humana no sistema econômico, ou seja, ela é o centro da atividade econômica, tanto no que diz respeito à satisfação de suas necessidades, quanto no que diz respeito à sua realização como agente social.

## Desenvolvimento Institucional da EdC

O objetivo dessa seção é descrever, em linhas gerais, como a Economia de Comunhão vem se desenvolvendo em termos de regras formais e estruturas organizacionais. Segundo North (1991, p.97), regras formais são as “cartas constitucionais, leis, direitos de propriedade.” Essas regras, somadas a restrições informais, que são “sanções, tabus, costumes, tradições, e códigos de conduta.” (NORTH, 1991, p.97) – formam as instituições. É possível considerar que as organizações fazem parte desse arcabouço formal de instituições. Segundo o mesmo autor, as instituições ajudam a criar ordem e reduzir incertezas, de modo a reduzir custos de produção e transação. As instituições evoluem incrementalmente e moldam a direção da mudança econômica. Para Douglass North, as instituições podem ajudar o sistema econômico a se tornar mais eficiente, pois encorajam a interação repetida dos agentes econômicos, na medida em que lhes dá maior segurança em cooperar – e cooperar traz resultados mais eficientes que não cooperar (AXELROD; HAMILTON, 1981).

Em 1991, as matérias-primas para o desenvolvimento da EdC eram apenas: uma rede estabelecida de pessoas, habituadas à cultura de comunhão (ÉCONOMIE DE COMMUNION, [20-]) e as palavras de incentivo e encorajamento de sua fundadora<sup>16</sup>. Não existia, portanto, uma tradução sistematizada desses elementos para o cotidiano empresarial e para a ação social e civil.

O *modus operandi* da EdC vem se conformando da interação entre grupos de pessoas, sem forma pré-definida, sendo a prática quase sempre precedente às regras e normas. Em um processo de *learn by doing* é que se materializaram projetos, regras e organizações. Assim, no decorrer dos anos é que seus atores têm se movido no sentido de entender o melhor modo de, a partir de suas diretrizes, colaborarem para a realização dos seus objetivos: contribuir para a erradicação da pobreza em suas diversas nuances, e difundir a cultura da fraternidade universal no âmbito econômico.

---

<sup>16</sup> Bach (2011).

Pode-se dizer que nas duas primeiras décadas, a formalização da EdC esteve mais relacionada às questões do universo empresarial. Discutia-se frequentemente sobre as relações da empresa de EdC com seus *stakeholders*, sua identidade, suas práticas. Como a proposta inicial de Chiara Lubich referia-se explicitamente à partilha do lucro, então essa questão tomou bastante espaço nas discussões. Com o amadurecimento da EdC, essa mostrou-se uma forma limitada de ver a empresa, uma vez que todas as decisões, desde a concepção do produto aos canais de distribuição e o pós-venda, impactam o modo em como recursos empregados e faz-se a produção e a distribuição.<sup>17</sup>

O mesmo raciocínio serve também para o ambiente interno da organização. Seria contraditório uma organização que utiliza lucros para ajudar pessoas necessitadas fora do ambiente da empresa não ter o mesmo comportamento em relação a seus dependentes e clientes. Conforme comenta Gui (2008), compreende-se que o compartilhamento do lucro de uma empresa EdC é a ponta do *iceberg*, uma pequena parte de toda uma rede de comunhão que ela pressupõe. O depoimento de Diogo, empresário de Recife, ilustra esse fato:

Conheci um morador de rua que me pediu algo para comer. Além de dar algo para ele comer comecei a conversar com aquele senhor e descobri que ele sabia trabalhar com construção. Eu trabalho com instalações elétricas e as vezes preciso de alguém para fazer reparos. Então ofereci a ele uma oportunidade de trabalho. Assim ele começou a fazer trabalhos para minha empresa.

[...] ele me explicou que na comunidade dele quem trabalha ganha respeito. Oferecer um emprego foi mais do que dar a possibilidade de um sustento, foi oferecer dignidade. (ANPECOM, [20-b]).

Do processo de maturação das discussões sobre as empresas de EdC surgiram dois documentos fundamentais: “O Documento de Identidade EdC” (EDC-ONLINE, 2008-2019a) e “Linhas para a Gestão de uma Empresa de Economia de Comunhão” (EDC-ONLINE, 2008-2019b), cujos conteúdos não são objeto de análise desse artigo. Entretanto, importa destacar que esses dois documentos, que se apresentam como conjunto de princípios para empresas que aderem à EdC, surgem de um processo longo e coletivo de trabalho de elaboração e maturação dos seus termos. As últimas versões desses documentos

---

<sup>17</sup> Por exemplo, uma empresa que opta pelo uso de uma matéria-prima “mais ecológica” impactar positivamente a comunidade que vive no entorno do local de produção, ainda que mais custosa.

datam de 2013 (22 anos depois do lançamento da EdC) (EDC-ONLINE, 2008-2019c), sendo que há relatos de encontros ocorridos em 2008 com o objetivo de discutir o “regulamento da EdC”, a ser lançado no evento que marcaria os 20 anos da iniciativa, realizado em 2011 no Brasil, segundo Gui (2008). O mesmo documento dedicou um capítulo para apresentar as “Novas Linhas para a Condução de uma Empresa de EdC”, revisadas de sua versão de 1997 em um evento realizado em 2007.

Existem outras discussões, relativas às orientações direcionadas a empresas de EdC, como a assunção de certos compromissos – tal como explicitar a adesão na missão da empresa – ou ainda sobre certificação para empresas aderentes. Independentemente do resultado dessas discussões, o que parece ser verdadeiro é que a formalização institucional emerge quando a prática já está relativamente madura. Além disso, parece também verdade que existe uma abertura às mudanças e adaptações, sugeridas pelas novas experiências e reflexões dos seus participantes em cada momento.

Em um momento de maior maturidade da visão da EdC e de suas empresas, instala-se a crise econômica internacional de 2008. A redução dos lucros partilhados para assistência às pessoas em situação de pobreza, principalmente por parte da Europa, obriga as comissões locais de EdC a discutirem em maior profundidade critérios de distribuição e prioridades; verificar métodos de acompanhamento dos participantes, etc. Desse modo, percebe-se que o foco das discussões se direciona cada vez mais para as práticas visando a superação da pobreza. Em 2017 surge o “Osservatorio sulla Povertà Leo Andringa” ([201-]), os projetos de superação de pobreza e apoio a iniciativas empresariais passam a ser feitos de maneira mais sistemática e transparente.

Seguindo a criação da Associação Internacional da Economia de Comunhão, o surgimento da Associação Nacional por uma Economia de Comunhão (Anpecom), em 2005, no Brasil, reflete um momento de maior consolidação organizacional da EdC no mundo. Tal como vinha ocorrendo internacionalmente, líderes da EdC no Brasil entram em contato com outras organizações empresariais interessadas em melhorar seu contexto socioeconômico (como o Instituto Ethos) e reconhecem a necessidade de apresentar civilmente a EdC, dotando-a, inclusive, de personalidade jurídica. O surgimento dessa nova entidade muda aos poucos as dinâmicas de interação entre os participantes da EdC. Por exemplo, é necessário rever atribuições de comissões locais de EdC, bem como da mesma associação nacional, também se verificou a necessidade de profissionalizar algumas atividades para atender a protocolos legais e, consequentemente, recorrer a fontes permanentes de financiamento.

Pode-se comparar a estrutura organizacional da EdC no mundo a uma federação, onde existe uma articulação central, realizada pela associação internacional, com a qual todas as regiões se conectam de forma indissociável, por uma questão identitária, ao mesmo tempo em que cada organização local possui autonomia para definir as estratégias e os caminhos para o atingimento do objetivo comum. As organizações locais e nacionais, suas formas de atuação e a sua própria existência dependem do tamanho da comunidade de apoio e do tempo de desenvolvimento da EdC. Ressalta-se que *não há uma prerrogativa da existência de qualquer uma dessas organizações em um país para que empresas ou pessoas interessadas se engajem na EdC.*

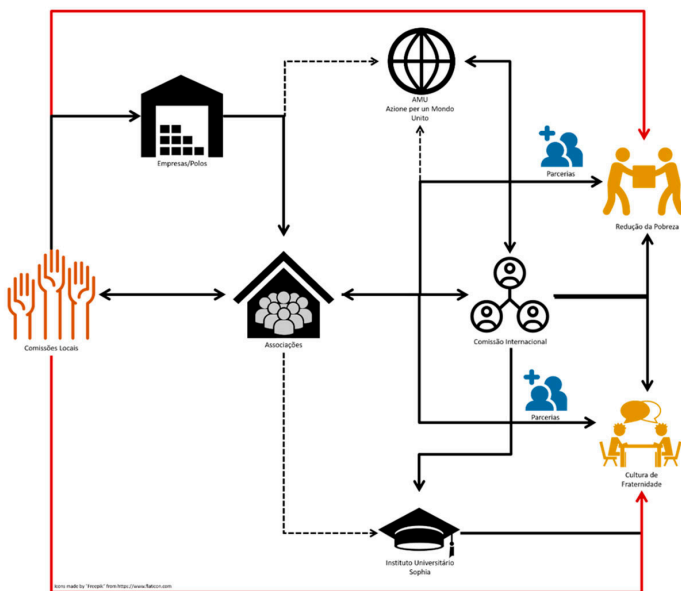
O esquema da Figura 1 é útil para explicar o aparato organizacional atual da EdC no mundo. Essa é uma representação do momento atual, sendo que poderá se transformar para atender às necessidades futuras. Novamente, essa representação não reflete, necessariamente, a estrutura da EdC em cada país; além disso, não pretende exaurir todas as conexões que ocasionalmente são relevantes para sua atuação.

Na Figura 1, como já mencionado, todas as ações e organizações funcionam para atingir dois objetivos: colaborar para o fim da pobreza e difundir a cultura da fraternidade universal no âmbito econômico.

Sobre as demais organizações indicadas na figura:

**Comissões locais.** A comissão local é a unidade básica da EdC como organização. As comissões locais, que podem ser responsáveis por grandes ou pequenas regiões geográficas, são formadas por pessoas voluntárias, que se comprometem a serem lideranças e pontos de referência para a EdC na região. As comissões possuem liberdade para determinarem de qual maneira irão trabalhar, o que depende, também, do tipo de pessoas que localmente participam da EdC – se empresários, acadêmicos, profissionais liberais, jovens em formação, pessoas em situação de pobreza. Em quaisquer circunstâncias, a comissão local realiza a comunicação entre a comunidade que segue e os demais agentes da EdC. Vale salientar que, como o processo de difusão da EdC acontece de maneira espontânea, há locais onde existe a presença da EdC, porém onde as pessoas a ela ligadas não constituem formalmente uma comissão EdC.

**Figura 1** – Economia de Comunhão no mundo: objetivos, organizações próprias e parceiros.



Fonte: Elaboração própria.

**Comissão internacional.** Existe um grupo de pessoas voluntárias que trabalha pela articulação internacional da EdC; são empresários de EdC, pesquisadores ou técnicos de outras especialidades. Promoverem eventos; trabalharem na elaboração de materiais de divulgação (o conteúdo do site internacional e os relatórios de prestação de contas, por exemplo); acompanham a elaboração e a gestão dos projetos de assistência às pessoas em situação de pobreza e a comunhão dos lucros realizadas pelos empresários; fomentam parcerias e a divulgação da EdC no mundo.

**Empresas e polos empresariais.** Para existir EdC é necessário que existam empresas de EdC. Considera-se que existem níveis distintos de compromisso com a EdC. A EdC é para a empresa mais um modo de caminhar e uma direção do que um ponto de chegada. É importante mencionar que não existe um único tipo de empresa de EdC, as mais comuns são micro e pequenas sociedades limitadas, mas existem também cooperativas e sociedades anônimas. Os setores de atuação também são bastante diversificados, do setor financeiro ao setor educacional. Também é comum que profissionais autônomos, como médicos, contadores ou consultores se associem à EdC. Em alguns países – oito,

atualmente – constituíram-se polos empresariais, os quais têm como principal objetivo dar visibilidade à EdC<sup>18</sup>. Nos últimos anos surgiu a EoC-IIN – *Economy of Communion International Incubating Network*, que todavia assume forma de projeto, cujo objetivo é incubar e acelerar novas empresas de EdC.

**Associações.** As associações constituem-se em pessoas jurídicas, que ajudam a potencializar as ações das comissões locais e a interação internacional. Existem atividades que são feitas mais adequadamente pelas associações, como a captação de recursos financeiros e execução de projetos de assistência, a comunicação com o terceiro setor e demais organizações da sociedade em geral. Assim como ocorre com as comissões locais, as associações têm níveis de maturidade diferentes, dedicam-se a diferentes projetos, ainda que se constituam em uma rede. Quando não existe uma associação nacional, o contato se estabelece diretamente entre as comissões regionais e a comissão internacional.

**AMU – Azione per un Mondo Unito e IUS – Istituto Universitario Sophia.** Essas duas organizações, criadas pelo Movimento dos Focolares, colaboram como parceiras da EdC. Ambas são instituições são independentes da EdC, mas têm sido muito importantes quando se trata da concretização dos seus objetivos finais. A AMU é uma organização internacional de ajuda humanitária e dá suporte à comissão internacional e às comissões locais nos assuntos relacionados aos projetos de assistência a pessoas em situação de pobreza. O IUS é uma instituição de ensino superior que possui cursos em linha com os princípios da EdC. Assim, parte das bolsas que essa instituição disponibiliza para seus alunos, provém de recursos da EdC. Vale salientar que no IUS há um corpo docente especializado em Economia de Comunhão e temas correlacionados.

**Parcerias.** A interação com organizações e pessoas com missões e princípios semelhantes aos da EdC tem se tornado mais importante<sup>19</sup>. Além das parcerias com organizações, existem também as parcerias com empresas ou mesmo com profissionais, que prestam serviços à EdC, por exemplo, de consultoria.

## **Experiências Brasileiras**

A história da Economia de Comunhão no mundo se confunde em muitos momentos com a sua história no Brasil, local do seu nascimento e cuja comunidade esteve na vanguarda de suas ações. O Brasil, por exemplo, foi o primeiro país a criar uma associação nacional com personalidade jurídica específica para a

<sup>18</sup> Os oito polos constituídos estão no Brasil, Argentina, Bélgica, Itália, Portugal, Alemanha e Croácia.

<sup>19</sup> Internacionalmente, um exemplo dessa interação foi o evento Prophetic Economy ([201-]) e no Brasil, destaca-se a parceria realizada com a Aliança Empreendedora (ANPECOM, [20-a]).



EdC<sup>20</sup> – a Anpecom – uma organização não governamental que agrega empresas e membros da sociedade de uma maneira geral interessados no fomento e difusão de iniciativas inspiradas nos valores da EdC. Relatos sobre os marcos históricos e personagens fundamentais para o desenvolvimento da EdC no Brasil podem ser encontrados em Benites (2009), Pinto e Leitão (2006), Gonçalves (2005).

Nesta seção serão apresentadas duas experiências realizadas pela Anpecom que têm caráter pioneiro no âmbito da EdC mundial. São estas o SUPERA – Programa de Superação da Vulnerabilidade Econômica – e o PROFOR – Programa de Fortalecimento de Negócios Inclusivos e de Comunhão.

## **SUPERA**

Para se entender o SUPERA e o seu papel, pode ser útil entender a história que o precedeu. Quando surgiu a EdC, não foi pré-estabelecido o modo como se daria a partilha de lucros por parte das empresas para pessoas em necessidade. Definiu-se, inicialmente, que receberiam o suporte financeiro pessoas pobres ligadas ao Movimento dos Focolares, por meio dos núcleos locais do Movimento, uma vez que estes, por acompanharem o percurso espiritual de seus membros, tomavam conhecimento também de suas necessidades materiais. Houve adesão ao lançamento dessa proposta por parte das empresas, no entanto, logo se percebeu a insuficiência dos recursos gerados perante as necessidades.

Deste modo, a partir de um levantamento em que identificou que cinco mil pessoas no âmbito do Movimento dos Focolares seriam elegíveis para receber ajuda, começou-se uma campanha para suplementar os recursos partilhados pelas empresas de EdC.

Com o passar dos anos, os membros do Movimento dos Focolares passaram a se organizar internamente para suprir as necessidades que viessem a surgir entre seus membros para que o montante gerado pelas empresas e pessoas pudesse ser destinado a não-membros dos Focolares. Em paralelo a este fato, a partir de 2016, a gestão dos recursos passou a ser feita pela Anpecom. Com uma gestão mais centralizada foi possível também trabalhar na melhoria da focalização do programa tanto em termos de pessoas contempladas quanto em relação a questões estratégicas referentes à EdC, que vão desde os valores que fundamentam a atuação da EdC ao processo de capitação das pessoas responsáveis pela distribuição de recursos.

---

<sup>20</sup> Antes da Anpecom havia apenas a Associação Internacional da EdC, que funcionava como um órgão geral de referência para a EdC no mundo.

No Brasil, a comunhão inicialmente proposta às empresas EdC, e posteriormente estendida a pessoas ligadas ao Movimento dos Focolares, se alargou dando origem à campanha Comunhão e Ação:

Essa campanha é um financiamento coletivo de pessoas e empresas que compartilham de R\$10,00 a R\$50.000,00 por meio de contribuições pontuais ou mensais que deram à Economia de Comunhão o sentido da sua existência: o compartilhamento de recursos de forma livre, espontânea, realizada entre pessoas que se enxergam como iguais, como membros de uma única família global. (ANPECOM, [20-b]).

Portanto, a proposta de enxergar a empresa como um espaço gerador de comunhão se alargou, levando as pessoas envolvidas com a EdC a entender não apenas a empresa como espaço de comunhão, mas toda a economia de mercado como um espaço propício à vivência da comunhão.

Também no campo da inclusão social, a EdC do Brasil percorreu um longo caminho até ser chegar ao que se tem hoje. Em uma sociedade caracterizada por grandes desigualdades sociais, como é o caso brasileiro, é natural o surgimento de um distanciamento entre pessoas consideradas ricas e pobres. Muitas vezes uma ação bem-intencionada pode levar a resultados negativos no que concerne a autoestima e a dignidade por parte de quem recebe a ajuda. Sobre isso Cruz (2016, p.44) afirma:

O destinatário do lucro, o pobre, a pessoa ajudada... Toda vez que entramos neste tema com os agentes da EdC percebemos uma insatisfação ou a inexistência de um termo que expresse de modo satisfatório a identidade de um dos sujeitos da economia de comunhão: o pobre. Talvez isto ocorra por se tratar de um empreendimento ou de uma ação social marcada pela fraternidade e todas as formas utilizadas até o momento parecem carregadas de um valor semântico que não exprime a novidade proposta pela EdC, isto é, que a pessoa ajudada, o pobre, não é apenas um beneficiário do projeto, mas um sujeito ativo neste processo de comunhão.

Como resultado desta reflexão, a partir de 2017, a pessoas que recebem o recurso proveniente da EdC para necessidades básicas de saúde, educação, moradia e habitação passaram a ser chamadas “participantes”, enquanto o programa que faz a gestão dos recursos passou a ser chamado de SUPERA.

O início do SUPERA trouxe também passos significativos no que concerne à transparência, com a criação do regulamento que indica critérios de participação e gestão da comunhão, o treinamento dos agentes, ou seja, as pessoas que fazem o acompanhamento dos participantes, entre outros. Sobre o SUPERA, o relatório anual da Anpecom traz a seguinte análise:

O objetivo do programa é contribuir para o desenvolvimento da plena autonomia da pessoa que se encontra em situação de vulnerabilidade. Os participantes são acompanhados através da Rede Nacional de Agentes do programa, composto por voluntários e voluntárias que buscam encontrar soluções para as dificuldades em que se encontram, através de relações de igualdade, reciprocidade e comunhão, enquanto é oferecido determinado valor de recurso financeiro, de forma temporária. (ANPECOM, [20-]).

Deste modo, o projeto de Economia de Comunhão tem se adaptado aos novos paradigmas contemporâneos e assim tem também buscado se adaptar quanto à sua contribuição para dirimir os grandes problemas sociais. Neste sentido, além do projeto SUPERA, várias outras iniciativas em âmbito internacional e nacional surgiram recentemente. A seguir destacaremos o PROFOR.

## **PROFOR**

O desejo de contribuir de maneira imediata com a EdC em alguns casos levou também a experiências negativas, como negócios que não foram desenvolvidos em bases sólidas e que, por conseguinte levaram a resultados contraproducentes. Se por um lado é verdade que na realidade brasileira a sobrevivência é um grande desafio para toda e qualquer empresa, por outro lado a ausência de um certo nível de planejamento pode tornar todo o processo ainda mais difícil.

Como mostram alguns estudos,<sup>21</sup> a vivência dos valores nos quais se baseia a EdC dentro e fora da empresa podem trazer resultados para a organização, tais como uma maior coesão e esforço do time, porém para que isto aconteça é importante que estes valores estejam aliados à presença de uma boa gestão. Com vistas a consolidar a realidade empresarial proposta pela EdC e de solidificar ou gerar novos empreendimentos, buscando de certo modo aprender com as experiências do passado, têm-se buscado desenvolver projetos que combinem geração de recursos, inclusão social e difusão da cultura da partilha. Assim surge o PROFOR.

<sup>21</sup> Ver Benites (2009), Pinto e Leitão (2006), Gonçalves (2005).

O PROFOR é uma incubadora que visa atender projetos produtivos que se enquadrem em um dos seguintes critérios: empreguem pessoas em situação de vulnerabilidade econômica, ofereçam produtos ou serviços para pessoas em situação de vulnerabilidade econômica, ou ofereçam a uma pessoa em situação de vulnerabilidade econômica a possibilidade de empreender. Atualmente, no debate sobre responsabilidade social empresarial os “Negócios de Impacto Social” têm se tornado um tema cada vez mais relevante:

Os negócios de impacto aparecem como uma tentativa de capitalismo mais inclusivo. É uma forma diferente de pensar o papel das organizações e uma resposta ao desejo latente de quem quer trabalhar com um propósito. (BARKI, 2015, p.16).

O PROFOR pode ser visto como uma experiência que aproxima a EdC do ecossistema dos negócios de impacto social. O programa oferece consultoria especializada para o desenvolvimento do plano de negócios e capital financeiro para implementação. Na primeira edição do PROFOR foram selecionados para desenvolvimento do plano de negócios 8 projetos, dos quais 6 foram incubados e 2 foram acompanhados por consultores de gestão e desenvolvimento pessoal (ANPECOM, [20-b]).

Embora seja ainda um projeto com pouco tempo de existência e que tenha contemplado um número pequeno de negócios, o PROFOR se destaca por ser um modo de incentivar o surgimento de empresas inspiradas nos valores da EdC, gerar renda e ao mesmo tempo incluir pessoas em situação de vulnerabilidade econômica dentro do sistema produtivo, levando-os a sair da situação de pobreza com as próprias pernas. Ao avaliar os resultados do PROFOR, a Anpecom ([20-b]) afirma:

[...] 50% incorporaram práticas de gestão e controle, como a de fluxo de caixa, demonstrativos de resultados, entre outras; 83,30% dos empreendedores afirmam ter obtido crescimento pessoal e profissional com o acompanhamento do PROFOR; 100% responderam que entendem como possível buscar produtividade e lucratividade, e ao mesmo tempo ser feliz no ambiente de trabalho; 50% responderam que as práticas de EdC estão contribuindo, de alguma forma, para melhorar o relacionamento entre eles e seus colaboradores, fornecedores e demais *stakeholders*.

O PROFOR também contribuiu para o estabelecimento de importantes parcerias da Anpecom com outras organizações. Ele tem recebido auxílio do Programa de Incubação de Negócios, promovido pelo Instituto de Cidadania Empresarial (ICE). A Anpecom também se associou com a Aliança Empreendedora, organização que fomenta e apoia o empreendedorismo social para jovens, prioritariamente de baixa renda, e desenvolve modelos de negócios inclusivos. Ele também faz parte da rede EoC-Inn, o *Economy of Comunion International Incubating Network*.

## **O desafio em se atualizar a experiência narrada por Lucas, o desafio do projeto EdC**

Passados dois mil anos da descrição de Lucas acerca das primeiras comunidades cristãs, os acontecimentos e as transformações sociais, econômicas, políticas ocorridas neste período são extraordinários<sup>22</sup>: das inúmeras transformações socioeconômicas da Europa, podendo começar com pensamento de Clemente de Alexandria, chegando ao fim do Império Romano e os pilares do pensamento de Agostinho de Hipona; do surgimento das ordens monásticas com São Bento com seu *“ora et labora”* e mais tarde o surgimento da Escolástica com o seu ícone máximo, São Tomás de Aquino; a guinada de São Francisco já com os desenvolvimentos das Comunas; o surgimento dos conceitos de valor, juro, câmbio, lucro, as partidas dobradas de Luca Pacioli, a utilização dos números negativos para a contabilização das dívidas, dos primeiros bancos - seu exemplar, o Banco de Ascoli - até os conglomerados financeiros multinacionais de hoje, do surgimento do mercantilismo até a criação da Organização Mundial do Comércio, passando pelo Iluminismo com Locke, Voltaire Rousseau e Adam Smith, desembocando na importante influência de Jeremy Bentham e seu utilitarismo “convergindo” para os importantes pensadores econômicos modernos – Walras, Marx, Schumpeter e Keynes - de Einstein à visita do homem à Lua ao bebê de profeta desembocando na ovelha Dolly, de Gutenberg ao Google; da bomba nuclear à descoberta do Bóson de Higgs, dos extermínios do século XX ao projeto da União Europeia; da atual miséria e gritante desigualdade social africana, latino-americana à opulência das megacorporações e seus acionistas que nos últimos anos bateram a casa do trilhão de dólares em valor de mercado.

Muitas comunidades ao longo destes dois mil anos buscaram inovar e empreender nas formas de convívio social. Cada uma destas comunidades com

---

<sup>22</sup> Faremos um breve apanhado, tomando por base, nossa perspectiva ocidental da História.

o seu dilema momentâneo, com o carisma da sua época, buscando responder aos anseios do homem de seu tempo. Parece ser um anseio do homem – mesmo para este *homo sapiens* muitas vezes avarento, violento, territorialista, tribal - a busca de uma maior coesão social, reciprocidade, cumplicidade social<sup>23</sup>. Portanto, comunidades que, de uma forma e de outra viviam e buscavam desenvolver uma economia de comunhão., tanto no âmbito nacional quanto no âmbito internacional.

No Brasil, ao longo do novo milênio houve conquistas importantes – conseguiu-se, através de políticas sociais, reduzir substancialmente a pobreza extrema no país. O mesmo se passou em outras regiões do planeta. O Brasil também conseguiu avançar em algumas das metas do milênio. Imersos nos sistemas econômicos modernos, nossas comunidades, entretanto, ainda são extremamente desiguais<sup>24</sup>; grande parte da humanidade ainda sofre grandes privações. Qual, portanto, a contribuição da EdC no âmbito global, regional e local junto das outras incontáveis iniciativas e projetos que buscam também uma economia mais humana e solidária?

No contexto doméstico, o Brasil busca dar seus primeiros passos depois da maior recessão econômica de sua história; em termos relativos comparada à Grande Depressão dos anos trinta<sup>25</sup>. De certo modo, o desemprego pode ser considerado hoje, a fome de 1991. Vive-se uma intensa transformação econômica e tecnológica que tem, há alguns anos, não se diga décadas, colocado o sistema econômico global e o mercado de trabalho de cabeça para baixo. A automação industrial somada à mais recente automação nos setores de serviços, a inteligência artificial, nos colocam de frente a grandes dilemas, principalmente no mundo do trabalho.

Diante destas grandes transformações, muitos questionamentos se fazem necessários. De que forma as sociedades modernas irão gerar e distribuir a própria renda dada a estrutura produtiva, econômica e social atual e suas especificidades? Como se inserirão os jovens neste novo mundo do trabalho? Como se reinserirão aqueles que de alguma forma estavam inseridos e hoje buscam um novo formato de geração de renda, não aquele anterior que em muitos casos não existe mais? Como atuar de forma efetiva para tirar famílias da situação de vulnerabilidade econômica sem correr o risco da EdC legitimar um modelo econômico perverso? Qual a contribuição do projeto EdC com vistas a fortalecer

---

<sup>23</sup> Para uma discussão sobre os rumos da modernidade, vide os *best-sellers* Harari (2015, 2016, 2018).

<sup>24</sup> Por que o problema está no “extremamente” desigual.

<sup>25</sup> Segundo dados da PNAD-IBGE, o Brasil encerrou 2018 12,2 milhões de desempregados.

os laços de coesão social e, com isso contribuir para o aumento da autoestima comunitária, maior antídoto contra o mal da corrupção?

A EdC, assim como muitos movimentos econômicos e sociais que surgiram nas últimas décadas, tem buscado respostas a essas questões, ou para parte delas, conforme afirma a socióloga Vera Araújo:

A busca de uma sociedade cada vez mais civil, participativa e harmoniosa; numa palavra, capaz de criar condições para a felicidade e o bem-estar dos indivíduos, das comunidades e dos povos, exige que se supere esta economia conflituosa, desmedidamente competitiva, agressiva, alienante... aumentam as vozes que pedem mais solidariedade, mais integração e interação, mais diálogo, mais escuta atenta dos diversos pontos de vista. E isto vem demonstrar a atualidade da Economia de Comunhão como ponta de lança de uma economia alternativa à economia vigente. (ARAÚJO, 2002, p.29-30).

Pode-se perceber, que os fundamentos que originaram a EdC, ainda têm um papel importante e são capazes de dialogar com as problemáticas da sociedade contemporânea. E mais, tem crescido a presença de organizações na sociedade motivadas a reverter os efeitos negativos advindos do sistema de produção e distribuição de recursos vigente.

Muito oportuno para de aprofundar esta temática foi o evento *Prophetic Economy* realizado em novembro de 2018 conjuntamente pela EdC e outras organizações que trabalharam em projetos que visam atenuar a pobreza e suas consequências. Ali foram apresentadas experiências com resultados positivos ocorridas nos últimos anos e também discutidos desafios para as próximas décadas.

Embora cada região do planeta tenha suas peculiaridades e necessitem de soluções para questões específicas, veio em evidência que o caminho para se encontrar tais soluções será trilhado com mais chances de sucesso, se forem incluídos três elementos:

**Trabalho conjunto:** além da EdC, há diversas organizações na atualidade trabalhando para minimizar problemas econômicos e sociais da sociedade contemporânea, cada uma de um modo diferente. Segundo Tonglet (2018) do Movimento *ATD Quarto Mondo*, o trabalho conjunto entre esses movimentos é importante, não só pela questão de se criar uma massa crítica, mas sobretudo porque essa biodiversidade pode apontar novos caminhos onde cada movimento pode oferecer sua experiência aos demais e cada um pode crescer e maturar

individual e coletivamente. Foi este um dos resultados observados pelas oito organizações que trabalharam juntas nos últimos anos em prol do evento.

**Jovens:** os jovens também têm um grande papel nesta discussão, eles têm a capacidade de pensar e possuem seu ponto de vista em relação a esses e outros temas. De acordo com Bruni (2018) a sociedade muitas vezes adota um comportamento paternalista diante deles, quando ao invés é necessária uma relação de fraternidade. Também neste aspecto o evento *Prophetic Economy* serviu como um laboratório, uma vez que ele foi preparado em conjunto com os adolescentes, tratou-se não apenas de um evento, mas um percurso de trabalho de um ano, que culminou com um evento, proporcionando a jovens e adultos a experiência de trabalhar juntos com igual dignidade. Tonglet (2018) acrescenta que é preciso encontrar para os jovens um espaço de paridade com os adultos onde estes possam trazer suas ideias, propostas, contestações, propostas e projetos: “Eles não podem e não devem ser objeto de reflexão, de preocupações, de decisões dos adultos, devem ser atores e protagonistas como foram nestes dias.” (TONGLET, 2018).

**Pessoas em situação de vulnerabilidade econômica:** todos nós passamos por situação de vulnerabilidade em algum momento da vida, basta pensar ao momento do nascimento e no período final da vida; mas há pessoas que vivem a pobreza em um modo particular, para se entender bem estas nuances da pobreza é importante estar em contato com os pobres, é fundamental estar em contato com estas pessoas (BRUNI, 2018). Tonglet (2018) aponta as consequências desta falta de contato com as pessoas em situação de pobreza:

Muitas vezes, nos dias atuais, estas mulheres, estes homens, não entram nas nossas reflexões. A sua experiência, o seu saber de vida, não é solicitado, não é considerado, e muitas vezes não é sequer reconhecido: não tem uma existência legítima. E assim, essas pessoas que têm competências que nós não possuímos e não teremos nunca, permanecem objeto de nossas reflexões e nossos estudos, das nossas pesquisas, da nossa solidariedade enquanto esperam ser reconhecidos como sujeitos, protagonistas, capazes de pensamento, de análise, capazes de elaborar propostas.

Pode-se afirmar que os anos de amadurecimento da EdC juntos às experiências conjuntas com outros atores levaram ao entendimento de que a inovação social que a EdC propõe acontece de maneira mais efetiva quando se agrega estes três elementos: grupos que trabalham em prol da inclusão social em frentes diver-



sas, pessoas que são marginalizadas pelo sistema (em todas as etapas do processo) e também os jovens, sem os quais é difícil garantir que o trabalho realizado leve em consideração o curto e longo prazos.

## Considerações Finais

Buscou-se, neste artigo, compreender o projeto de Economia de Comunhão através de seus diferentes significados e de suas diferentes nuances: primeiramente, como projeto empresarial lançado em maio de 1991, no Brasil e, imediatamente, difundido mundialmente com objetivo prático de dirimir as situações de vulnerabilidade econômica de comunidades locais; em segundo lugar, como expressão e compreensão social do agir econômico dos membros do movimento dos Focolares, alicerçadas no pensamento de sua fundadora Chiara Lubich, e, em terceiro lugar, um amplo e global projeto de pesquisa com o objetivo de desenvolver e aprimorar no âmbito científico aquele coração de princípios norteadores oferecidos por Chiara Lubich, porta-voz da mensagem cristã no nascer do terceiro milênio.

Buscamos aqui, discutir, interpretar as razões e motivos para o seu surgimento, discutir seus empreendimentos concretos e, por fim, oferecer subsídios para antever seu futuro. É importante ressaltar em nossas considerações finais que o projeto EdC há muito rompeu as fronteiras de seu núcleo nascente que foi o Movimento dos Focolares, fundado por Chiara Lubich. A EdC é hoje uma das inúmeras propostas socioeconômicas que orbitam junto à sociedade civil, um projeto que dialoga com outras inúmeras propostas na busca da erradicação da pobreza e da mitigação das desigualdades sociais. Este diálogo tem enriquecido de forma considerável, o agir e olhar em direção ao futuro da EdC.

O *modus operandi* econômico da Economia de Comunhão se desenvolveu ao longo de todas as grandes transformações experimentadas ao longo da segunda metade do século XX e está também inserido nas recentes grandes transformações socioeconômicas do terceiro milênio.

Se utilizada a analogia de uma planta para explicar a Economia de Comunhão, pode-se considerar que a sua semente, plantada em 1991, contém em seu código genético as fortes experiências socioeconômicas adquiridas a partir de elementos típicos do século XX, seja na pessoa de Chiara Lubich que viveu tanto a grande crise de 1929 mas também e principalmente a devastação social e econômica da Segunda Guerra Mundial, seja na sua versão de elaboração para o conflito “capitalismo x socialismo”, seja como elemento constitutivo das propostas da Igreja Católica para a busca da erradicação da pobreza e das desi-

gualdades sociais além de seus elementos encontrarem ressonância com outros movimentos e ideias próprias do século XXI.

A flexibilidade com relação às organizações e estruturas que sustentam a EdC permite que ela encontre caminhos independentes no transcorrer do tempo e do espaço. Experiências de uma comunidade servem de exemplo e incentivo às demais, de modo que existe a heterogeneidade, mas, ao mesmo tempo, as lições aprendidas vão sendo replicadas e formando, inclusive, um conjunto de organizações semelhantes.

A passagem da teoria à prática normalmente não é um processo fácil. Muitos projetos bem desenhados e estruturados encontram dificuldades em atingir seus objetivos nesta etapa. A EdC não é uma exceção, embora haja experiências bem-sucedidas, há também experiências negativas. O perfil carismático de Chiara Lubich e de muitos de seus seguidores teve um papel de extrema relevância que levou muitas pessoas a aderirem prontamente à sua proposta; alguns destes seguidores, entretanto, aderiram sem a compreensão das implicações e riscos desta adesão, por exemplo, os riscos inerentes aos empreendimentos empresariais. Estas experiências, bem e não tão bem-sucedidas, todavia, geraram uma massa crítica sem a qual a EdC não teria tido o mesmo alcance territorial e longevidade temporal que culminaram com importantes experiências em um contexto em que houve uma combinação de cultura da proximidade, ação local e visão global.

O conjunto de mudanças pelo qual passou a sociedade nas últimas décadas, também levou os protagonistas da EdC a repensar sua concepção e atuação, percebendo relações de interdependência cada vez mais sólidas entre os seus pilares: empresas enquanto espaços de comunhão, inclusão social e difusão dos valores nos quais ela se fundamenta. Os mais de 25 anos de história da EdC mostraram que, embora tenha nascido como uma proposta para empresas, ela extrapola os seus limites, na medida em que seus princípios podem ser vividos por quem desejar, em todas as esferas das relações econômicas, enquanto trabalhadores, consumidores, produtores, investidores, entre outros.

## ***ECONOMY OF COMMUNION: BACKGROUND, CONCEPT, CHALLENGES AND PERSPECTIVES***

***ABSTRACT:*** *Social inclusion and sustainable development are topics that are gaining more and more importance in discussions about entrepreneurship today. The Economy of Communion (EoC) emerged as a proposal of economic vision and practice who places the*

*human being at the center, so for it these themes are crucial. This paper proposes an analysis of the Economy of Communion (EoC) from four perspectives. It starts from a historical rescue that shows the socioeconomic context that preceded EoC and how this context contributed to the way it was established. Then, it discusses its institutional development, considering its worldwide dimension. Subsequently, two concrete projects developed by Brazilian EoC are presented. These projects are pioneering in the international EoC context. The perspectives and challenges of EoC in Brazil and in the world are discussed and, finally, the conclusions are presented.*

**KEYWORDS:** *Economy of Communion. Economic inequality. Entrepreneurship.*

## REFERÊNCIAS

- ANPECOM. **Economia de Comunhão.** [s. l.]: Anpecom, [20-a]. Disponível em: <http://www.anpecom.com.br/economia-de-comunhao/>. Acesso em: 25 fev. 2019.
- ANPECOM. **Relatório de resultados Anpecom 2018.** [s. l.]: Anpecom, [20-b]. Disponível em: <http://www.anpecom.com.br/anpecom/relatorio-de-resultados-2018/>. Acesso em: 25 fev. 2019.
- ARAÚJO, V. Que pessoas e que sociedade para a Economia de Comunhão? *In*: BRUNI, L. **Economia de Comunhão: uma cultura econômica em várias dimensões.** São Paulo: Ed. Cidade Nova, 2002. p.21-30.
- AXELROD, R.; HAMILTON, W. D. The evolution of cooperation. **Science**, Washington, v.211, n.4489, p.1390-1396, 1981.
- BACH, M. Carisma e racionalismo na sociologia de Max Weber. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.51-70, jun. 2011.
- BARKI, E. Negócios de impacto: tendência ou modismo? **Sociedade e Gestão**, Brasília, v.14, n.1, p.14-17, jan./jun. 2015.
- BENITES, M. R. **Pessoas que fazem a Economia de Comunhão.** São Paulo: Ed. Cidade Nova, 2009.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.
- BRUNI, L. **Conclusões.** 2018. Trabalho apresentado ao 1. Prophetic Economy, Roma, 2018.

BRUNI, L. **Comunhão e as novas palavras em economia**. São Paulo: Ed. Cidade Nova, 2005.

CENTRO CHIARA LUBICH. **Home**. [s. l.]: Centro Chiara Lubich, 2009-2019. Disponível em: <http://www.centrochiaralubich.org/pt>. Acesso em: 05 mar. 2019.

CRUZ, I. A. A. da. **Economia de Comunhão: nicho ou novo paradigma?** São Paulo: Ed. Cidade Nova, 2016.

CRUZ, I. A. A. da. **Economia de Comunhão nicho ou possibilidade de generalização: uma análise a partir do ágape**. 2014. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

DIAS, R. **Gestão ambiental: responsabilidade e sustentabilidade**. São Paulo: Atlas, 2009.

EDC-ONLINE. **O documento de identidade da EdC**. [s. l.]: EdC, 2008-2019a. Disponível em: <http://edc-online.org/br/chi-siamo-it/documento-di-presentazione.html>. Acesso em: 03 mar. 2019.

EDC-ONLINE. **Linhas para a gestão de uma empresa de Economia de Comunhão**. [s. l.]: EdC, 2008-2019b. Disponível em: <http://edc-online.org/br/imprese-alias/linee-per-condurre-un-impresa.html>. Acesso em: 03 mar. 2019.

EDC-ONLINE. **O que é EdC**. [s. l.]: EdC, 2008-2019c. Disponível em: <http://edc-online.org/br/quem-somos/o-que-e.html>. Acesso em: 25 fev. 2019.

ÉCONOMIE DE COMMUNION. **Le projet**. [s. l.]: EdeC, [20-]. Disponível em: <https://economie-de-communion.fr/le-projet/>. Acesso em: 27 fev. 2019.

ECONOMY OF COMMUNION. **Join us for the 2018 meeting of the Economy of Communion**. [s. l.]: EoC, set. 2018. Disponível em: <https://eocnoam.org/2018/09/01/join-us-for-the-2018-meeting-of-the-economy-of-communion/>. Acesso em: 25 fev. 2019.

FARIA, R. M. **Inovação e empreendedorismo à luz dos princípios da Economia de Comunhão**. 2017. Trabalho apresentado ao Inovação e Empreendedorismo à Luz Dos Princípios da Economia de Comunhão, São Paulo, 2017.

GALLAGHER, J. **Chiara Lubich, a woman's work: the story of the focolare movement and its founder**. United States: New City Press, 2003.

GONÇALVES, H. H. A. B. Q. **A experiência dos pioneiros da Economia de Comunhão na liberdade no primeiro decênio (1991-2001) no Brasil: absurdo**

e graça da mudança de mentalidade do empresário. 2005. Tese (Doutorado em Engenharia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

GUI, B. Le nuove linee per condurre un'impresa. **Economia di Comunione una cultura nuova**, [Roma], Anno 14, n.28, Dic. 2008. Disponível em: <http://edc-online.org/it/header-pubblicazioni/archivio-documenti/notiziari-edc-varie-lingue/notiziario-edc/305-edc28/file.html>. Acesso: 28 fev. 2019.

HARARI, Y. N. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2015.

HARARI, Y. N. **Homo Deus**: uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARARI, Y. N. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HOBSBAWN, E. **A era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEITÃO, S. P.; SPINELLI, R. A. Economia de Comunhão no Brasil: a produção acadêmica em administração de 1991 a 2006. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v.42, n.3, p.451-469, 2008.

LUBICH, C. **Essential writings**: spirituality, dialogue, culture. London: New City, 2007.

LUBICH, C. **Economia de Comunhão**: história e profecia. São Paulo: Ed. Cidade Nova, 2004.

LUBICH, C. **Colloqui con i gen: anni 1970/74**. Roma: Città Nuova Editrici, 1999.

LUBICH, C. **O trabalho e a descoberta de uma consciência social**. 1984. Trabalho apresentado ao 1. Congresso do Movimento Humanidade Nova, Roma, 1984. Disponível em: <http://www.centrochiaralubich.org/pt/pdf/portugues/677-chi-19840603-br/file.html>. Acesso em: 05 mar. 2019.

LUBICH, C. **La rivoluzione arcobaleno**. 1968. Trabalho apresentado ao Documenti Scritti Centro Chiara Lubich, Rocca di Papa, 1968. Disponível em: <http://www.centrochiaralubich.org/it/pdf/italiano/523-chi-19680625-it/file.html>. Acesso em 06 mar. 2019.

MENEGASSI, C. H. M.; FERNANDES, B. H. R. Teoria axiológica de comunhão: a construção social de recursos constitutivos da gestão de empresas de Economia de Comunhão. **Cadernos EBAPE**, Rio de Janeiro, v.14, n.2, p.258-277, 2016.

NORTH, D. C. Institutions. **Journal of Economic Perspectives**, Nashville, v.5, n.1, p.97-112, 1991.

OSSERVATORIO SULLA POVERTÀ LEO ANDRINGA. **Home**. Itália: Opla, [201-]. Disponível em: <http://osservatoriopoverta.weebly.com>. Acesso em: 05 mar. 2019.

PINHO, D. B. Aspectos da evolução da Ciência econômica: do início do século XXI às raízes do pensamento Econômico. *In*: PINHO, D. B.; VASCONCELLOS, M. A. S. de; TONEDO JUNIOR, R. (org.). **Manual de Economia**. 6.ed. São Paulo: Saraiva, 2011. p.26-63.

PINTO, M. C. S.; LEITÃO, S. P. **Economia de Comunhão: empresas para um capitalismo transformado**. Rio de Janeiro: FGV Ed., 2006.

PROPHETIC ECONOMY. **Home**. [s. l.]: Prophetic Economy, [201-]. Disponível em: <https://www.propheticconomy.org/>. Acesso em: 06 mar. 2019.

TONGLET, J. **Conclusões**. 2018. Trabalho apresentado ao 1. Prophetic Economy, Roma, 2018.

Recebido em 30 de maio de 2019

Aprovado em 05 de julho de 2019